



Revista Pistis & Praxis: Teologia e
Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Gomes Esperandio, Mary Rute

A capacidade de outar-se – diferenças como desafio para a prática do cuidado e
aconselhamento pastoral

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 3, núm. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 425-
447

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749238006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



A capacidade de *outrar-se*¹ – diferenças como desafio para a prática do cuidado e aconselhamento pastoral

The capacity of othering² oneself – differences as a challenge for pastoral care and counselling

Mary Rute Gomes Esperandio

Psicóloga Doutora em Teologia pela EST/IEPG, professora adjunta no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Teologia, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), São Leopoldo, RS - Brasil, e-mail: mresperandio@gmail.com

Resumo

Este texto tem como propósito refletir sobre um dos principais elementos que fazem parte das competências requeridas daquele(a) que se envolve na atividade do cuidado e do aconselhamento pastoral: a capacidade de *outrar-se*. Tal reflexão é motivada pela vivência de outramento promovida pela SIPCC (Society for Intercultural Pastoral Care and Counselling) em seu 21º Seminário, que teve como tema: “Diferenças como oportunidade – cuidado e aconselhamento em sociedades multiculturais e multirreligiosas –

¹ “Oustramento” é uma expressão criada por Fernando Pessoa, e diz respeito ao processo de diferenciação de Si, de se tornar outro (“outrar-se”) a partir do encontro com a alteridade.

² “Othering” and “otherness” refers to the process of differentiation of oneself, of becoming another through encounters with alterity.

o exemplo de Haifa, Israel”. Assim, o texto apresenta uma breve caracterização da instituição promotora do seminário e da programação do 21º evento para, em seguida, discutir sobre duas questões pertinentes à capacitação de cuidadores pastorais em contexto brasileiro: 1) o encontro com as diferenças e a capacidade de *outrar-se*, e 2) a necessidade de criação de um fórum, no contexto brasileiro, para debater questões relacionadas à prática do cuidado e aconselhamento pastoral inter-religioso e intercultural.

Palavras-chave: Diferença. Subjetividade. Cuidado. Aconselhamento pastoral intercultural e inter-religioso. Outramento.

Abstract

This text aims to reflect on one of the key elements that are part of the skills required from those who engage in the activity of pastoral care and counselling: the capacity of othering oneself. This reflection is motivated by the experience of othering promoted by SIPCC (Society for Intercultural Pastoral Care and Counselling) through its 21st Seminar entitled: “Differences as opportunity – care and counselling in multicultural and multi-religious societies – the example of Haifa, Israel”. Thus, the text presents an overview of the institution which holds the seminar and its 21st edition to then discuss two questions related to the capability of caregivers in the Brazilian context: 1) othering as a capacity that needs to be developed by those who engage in pastoral care and Counselling, and 2) the need to create a forum in the Brazilian context to discuss issues related to interreligious and intercultural pastoral care and counselling.

Keywords: Difference. Subjectivity. Care. Intercultural and inter-religious pastoral care and counselling. Othering.

Introdução

No poema intitulado “Não sei quantas almas tenho”, Fernando Pessoa (1930/1993, p. 48) expressa, com sensibilidade e arte, o processo de contínua reconfiguração da subjetividade. Diz o poema:

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: “Fui eu ?”
Deus sabe, porque o escreveu.

Fernando Pessoa nos deixou com seu trabalho uma expressão muito especial e de difícil definição: *outrar-se*, *outramento*. Tal expressão está referida a um processo humano vital: a diferenciação de si. A diferenciação de si, ou seja, o *outramento*, só é possível a partir do encontro com o outro, do encontro com a alteridade cuja diferença nos convoca a uma nova composição de nosso território existencial. Quanto mais intensa a diferença do outro, mais intenso pode ser vivido o processo de *outramento*. O outro/estranho/estrangeiro em quem (não) me espelho provoca, simultaneamente, atração e repulsa, implicando, portanto, algum grau de mudança na subjetividade dos envolvidos. Qual a importância de se

refletir sobre essa questão da diferença e da diferenciação, na área do cuidado e do aconselhamento pastoral? De que modo uma instituição que se ocupa do tema do cuidado e aconselhamento pastoral poderia propiciar a seus membros uma experiência de outramento? Trata-se de uma ferramenta de formação válida? De que forma a instituição aqui apresentada, a Society for Intercultural Pastoral Care and Counselling (SIPCC),³ pode contribuir com a reflexão brasileira sobre a prática do cuidado e aconselhamento? Pensando nessas questões, e fortemente impactada pela experiência vivida em um dos seminários oferecidos pela SIPCC, nasceu a presente reflexão, que se estrutura da seguinte maneira: primeiramente se faz uma caracterização geral da SIPCC, e em seguida procede-se à descrição do seu 21º Seminário: “Diferenças como oportunidade – cuidado e aconselhamento em sociedades multiculturais e multirreligiosas – o exemplo de Haifa, Israel”. Em seguida, teoriza-se sobre a diferença e o processo de outramento e se interroga sobre o modo brasileiro de ser-fazer cuidado e aconselhamento pastoral/espiritual.

Pretende-se, com a apresentação das atividades da SIPCC e do seminário aqui descrito, refletir sobre duas questões que se entrelaçam: a capacitação de aconselhadores pastorais e o modo como no Brasil se pratica o cuidado e aconselhamento pastoral. A partir dessa reflexão abre-se um debate sobre a possibilidade (ou não) de criação de uma instância semelhante à SIPCC (que fomenta uma prática do cuidado pastoral na perspectiva da inter-religiosidade e da interculturalidade) no contexto brasileiro, e sobre a necessidade de se pensar alternativas para a capacitação de cuidadores pastorais.

Identidade, propósitos, objetivos e atividades da Sociedade para o Cuidado e Aconselhamento Pastoral Intercultural (SIPCC)

A SIPCC é uma comunidade de conselheiros(as), pastores(as), supervisores pastorais, professores(as), estudantes e outros cuidadores comprometidos com o aprimoramento da área pastoral por meio de estudos

³ Em português: Sociedade para o Cuidado e Aconselhamento Pastoral Intercultural. Neste texto, a partir de agora, será designada simplesmente como SIPCC.

e práticas pastorais.⁴ O propósito da Sociedade é equipar pessoas para o cuidado e aconselhamento pastoral em meio a contextos culturais diversos.

A partir de uma formação cristã, a Sociedade engaja-se no diálogo com outras formas de expressão religiosa visando à justiça, à paz e à integridade da criação.

Desde 1986, a SIPCC promove, anualmente, um seminário internacional sobre cuidado e aconselhamento pastoral intercultural. Em 1995, a SIPCC lançou as bases de seu estatuto como associação livre, com o objetivo de promover um fórum de debates sobre as questões relacionadas à teoria e prática intercultural do aconselhamento pastoral.

Os membros que compõem a Sociedade vêm de diferentes países, religiões e culturas. Há membros vindos da Alemanha, África do Sul, Brasil, Nicarágua, Tanzânia, Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Israel, Eslováquia, Indonésia, entre outros. Quanto ao *background* religioso dos vários participantes, há predominância de cristãos protestantes, mas há também membros de comunidades judaicas.

Em relação à forma de organização dos seminários, o comitê de planejamento da sociedade busca desenvolver uma programação com vistas a manter sempre vivas e atuais as discussões a respeito da teoria e prática do cuidado e aconselhamento pastoral intercultural. Junto à reflexão teórica busca, também, reforçar um processo holístico de aprendizagem mútua entre todos os participantes, desafiando-os a pensarem a respeito de seus próprios pressupostos religiosos e culturais. Nesse sentido, os seminários oferecem palestras, estudos de casos, discussões em pequenos grupos, fóruns interculturais e outras oportunidades para o intercâmbio e diálogo entre os participantes. A língua utilizada é o inglês. Nem todos os participantes apresentam o mesmo domínio da língua. Aqui já se percebe a demanda de outra postura na relação com o outro. Em geral há acolhimento e, por vezes, certa impaciência e mesmo irritação. Mas há, sobretudo, inventividade na busca de novos modos de comunicação efetiva.

Por ocasião da realização do seminário anual há uma consulta sobre os rumos teóricos que sustentam a prática do cuidado e aconselhamento

⁴ As informações aqui contidas foram retiradas do site oficial da Sociedade, originalmente em alemão e inglês. Tradução livre do inglês, pela autora. Disponível em: <http://www.ekir.de/sipcc/index_english.htm>. Acesso em: 2 out. 2009.

pastoral. Além de treinamentos e cursos oferecidos por vários de seus membros a grupos interessados na formação em aconselhamento pastoral, a sociedade também ajuda na formação/organização de sociedades semelhantes. A SIPCC também oferece ao grande público materiais bibliográficos sobre a temática da qual se ocupa, por meio da produção e publicação de livros e revistas.⁵

Considerando o aspecto intercultural que caracteriza a Sociedade para o Cuidado e Aconselhamento Pastoral, são organizadas viagens de estudo especiais para vários países, com a finalidade de experimentar e aprender os modos de exercer cuidado e aconselhamento pastoral de diferentes culturas e religiões. Entre as várias preocupações e objetivos da sociedade salienta-se o comprometimento em trabalhar para o desenvolvimento e implementação de métodos libertadores e transformadores do cuidado nas estruturas eclesiástica e social, nas políticas públicas e nas relações interpessoais.

Quanto à realização do seminário internacional anual, pode-se afirmar que a estrutura do seminário tem uma dupla função: desenvolver uma reflexão teórica a partir da discussão de temas atuais sobre o cuidado pastoral, e favorecer, ainda, um trabalho de produção de Si, pois cada seminário constitui-se num verdadeiro laboratório experimental nas questões interculturais. Além das palestras formais, há os *workshops* e, ainda, os chamados *reflection groups* (grupos de reflexão). Nestes, cada participante é convidado a expressar suas impressões pessoais sobre as temáticas apresentadas, compartilhar as dúvidas surgidas e os desafios pessoais que vislumbra em sua prática de cuidado e aconselhamento pastoral. Fica, portanto, evidente o favorecimento de um trabalho na própria subjetividade do(a) participante em paralelo às discussões teóricas desenvolvidas. Além disso, o convívio intenso entre o grupo, cujos membros vêm de tão diferentes culturas e formações, por si só já oportuniza um processo de outramento durante o tempo do Seminário.

⁵ As publicações são em língua inglesa e alemã. Em 2010, entretanto, foi publicado um livro em polonês, em razão da parceria e suporte que tem sido dado pela SIPCC na organização da Sociedade de Psicologia Pastoral na Polônia. Alguns livros estão disponíveis em: <http://www.ekir.de/sipcc/index_english.htm>. Acesso em: 2 out. 2009.

Tomo a liberdade de comparar a programação de cada seminário à “arte de instalações”. Nesse tipo de manifestação artística apresenta-se uma obra composta de elementos organizados em um espaço-ambiente, com a intenção de criar uma relação com o espectador. A “arte de instalações” tem a intencionalidade de provocar sensações, de mexer com os sentidos, interagir com o público, tirando-o da passividade receptiva para uma composição com a própria obra que se lhe apresenta. Em outras palavras, quer-se ativar pelo contato com a obra instalada um processo de criação, de diferenciação na subjetividade. Bastante semelhantes são os seminários-experimentação promovidos pela SIPCC: uma instalação artística de elementos teóricos e práticos disponibilizados em um espaço-tempo com vistas a ativar um processo de criação na própria subjetividade, por meio da vivência de experiências com potencial de inventar a vida como obra de arte.

O 21º Seminário: “Diferenças como oportunidade. Cuidado e Aconselhamento Pastoral em Sociedades Multiculturais e Multirreligiosas. O exemplo de Haifa, Israel”

A chamada para participação no Seminário em Haifa, em setembro de 2009⁶, fazia as seguintes considerações:

- a) Em Haifa, membros de várias religiões convivem pacificamente;
- b) Há grandes comunidades como: judeus ortodoxos e liberais, cristãos ortodoxos e católicos romanos, muçulmanos, Ahmadi, a religião Bahá'í, pessoas sem religião e, ainda, os agnósticos.
- c) Qual a razão para a não existência de conflitos abertos entre esses grupos? Há razões sociais e/ou religiosas? Ou seria, ainda, por razões históricas da própria cidade, que faz com que os cidadãos sejam mais abertos uns aos outros do que em outros lugares em Israel?

⁶ O seminário de 2010 foi realizado em Strassbourg, na França, e teve como tema: “The Dynamics of Migration”.

- d) Haifa pode ser um exemplo ou mesmo um modelo para a convivência harmoniosa em contextos multiculturais e multirreligiosos?⁷

As questões mencionadas demandaram a organização de um programa com os seguintes objetivos:

- 1) oferecer a seus participantes uma visão da situação geral da cidade e do povo de Haifa;
- 2) apresentar as diversas religiões locais buscando compreender o modo como tais formas de expressão religiosa exercem o cuidado às pessoas;
- 3) encorajar a reflexão pessoal a respeito da própria formação religiosa e da postura assumida em relação à sensibilidade cultural e religiosa, além da tolerância;
- 4) refletir teoricamente sobre a hermenêutica do cuidado e do aconselhamento pastoral inter-religioso e sobre os meios políticos e sociais envolvidos na construção de “comunidades dos diferentes”.

A programação do seminário

O 21º Seminário teve a duração de sete dias, seguido por uma viagem de estudos de mais sete dias. Uma visão geral da programação dá conta não só da riqueza metodológica na oferta das atividades (como palestras, filme, visitas a sinagogas e mesquitas, centro religioso, trabalho social), mas mostra, também, a diversidade cultural e religiosa oferecida nos encontros com os palestrantes locais. Segue-se uma breve apresentação das atividades desenvolvidas:

- 1) Preparação para a liturgia judaica do Sabbath e visita à sinagoga judaica – Essas duas atividades foram lideradas por um rabino judeu, membro da SIPCC;

⁷ Conforme consta no site: http://www.ekir.de/sipcc/index_english.htm. Acesso em 23 set. 2009. Tradução livre, do inglês, pela autora.

- 2) Conferência apresentada por um professor local, sobre a situação atual e histórica dos cristãos greco-católicos, de maioria árabe, em Haifa;
- 3) Filme documentário: *Encounter Point*. O vídeo apresenta a história e atividades do Círculo de Pais – Fórum de Famílias,⁸ uma organização não governamental e não religiosa que reúne famílias enlutadas como consequência dos conflitos entre israelenses e palestinos, visando a um trabalho de reconciliação. O Círculo de Pais – Fórum de Famílias entende que o cuidado a essas famílias enlutadas reside num trabalho de reconciliação e apoio mútuos e na construção de uma nova percepção acerca do próprio sofrimento. Essa instituição não governamental tem como pressuposto para suas atividades a compreensão de que o sofrimento elaborado pela via da reconciliação converte-se num instrumento de mudança dentro do quadro dos conflitos entre israelenses e palestinos. Seus membros acreditam que essa nova percepção tanto promove a cura, numa dimensão pessoal, quanto constitui-se em estratégia política no processo de mudanças em relação aos conflitos. Isso acontece sobretudo porque o apoio mútuo entre pessoas que estão em lados opostos tanto contribui para a cessação de atos de hostilidade e busca de acordo político, quanto impede que o sofrimento das famílias seja usado como meio para manter e expandir a inimizade entre os povos;
- 4) Conversa com Ali Abu Awwad e Robi Damelin, membros do Círculo de Pais – Fórum de Famílias e protagonistas no documentário. O encontro teve como objetivo a partilha de suas histórias de vida e a apresentação da organização e seus métodos de trabalho;
- 5) Conferência com rabino local, judeu ortodoxo, sobre judaísmo ortodoxo e cuidado e aconselhamento pastoral;
- 6) Conferência com um rabino judeu reformado (Robert Samuels) sobre judaísmo reformado e práticas de cuidado e aconselhamento pastoral (PCC);
- 7) Conferência com um professor local sobre a demografia de Haifa e o desenvolvimento sociogeográfico e histórico dos bairros da cidade;

⁸ Ver: <http://www.theparentscircle.org/about.asp>

- 8) Visita à “Casa da Graça” – Beth Ha Chessed.⁹ Um exemplo de cuidado e aconselhamento pastoral multicultural (multiétnico) e multirreligioso desenvolvido pela igreja ortodoxa grega com ex-prisioneiros (e suas famílias) e mulheres abusadas;
- 9) Visita ao Centro Religioso Bahai.¹⁰ Palestra com representantes da fé Bahai sobre sua religiosidade e a prática do cuidado;
- 10) Conferência sobre a religiosidade Ahmadi, grupo religioso islâmico dissidente e não reconhecido oficialmente pelos muçulmanos. O secretário geral da mesquita Ahmadi apresentou aspectos históricos e teológicos desse grupo religioso;
- 11) Visita à mesquita Ahmadi, com um jantar oferecido ao grupo, após o dia de jejum, em celebração ao mês do Ramadan, no calendário muçulmano;
- 12) Judaísmo secular humanístico – palestra com a rabina Iris Yaniv. Em sua apresentação, a rabina focalizou o esforço do grupo na preservação das tradições bíblico-culturais do judaísmo e o caráter secular humanístico desse grupo étnico;
- 13) Histórias de vida – cidadãos comuns da cidade de Haifa partilham suas biografias pessoais marcadas pelos eventos da guerra e de várias perdas. As mudanças mais atuais têm sido experimentadas na convivência harmoniosa entre a diversidade étnica e religiosa em Haifa;
- 14) Workshop: “Rumo a um novo modo de compreender a Teologia das Religiões”. Profa. Dra. Kathleen Greider. Faculdade de Teologia de Claremont, CA, USA;
- 15) Visita à escola Leo-Baeck, uma escola multiétnica e multirreligiosa.
- 16) Celebração em memória ao primeiro aniversário da morte do prof. Dan Bar On, professor de psicologia com trabalhos publicados em torno da temática do holocausto, com enfoque específico sobre seus efeitos nos filhos dos sobreviventes do holocausto e nos filhos dos perpetradores nazistas;¹¹

⁹ Ver: <http://www.house-grace.org/>

¹⁰ Ver: <http://www.ganbahai.org.il/en/haifa/>

¹¹ Ver: <http://www.ushmm.org/museum/exhibit/focus/antisemitism/voices/transcript/?content=20080214>
Neste endereço há uma entrevista com o psicólogo e professor Dan Bar On, em que ele fala sobre o trabalho

- 17) Assembleia geral da SIPCC – mudança de alguns artigos no estatuto da sociedade. Decisão de visitar o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) nos dois dias que antecederão ao seminário do ano seguinte, em Strassbourg, França. Considerando a temática do seminário – “Dinâmica das migrações” –, a visita do comitê executivo da SIPCC estabelece como objetivo tomar conhecimento sobre os posicionamentos e ações do CMI com respeito ao diálogo inter-religioso, aos conflitos entre israelenses e palestinos e, ainda, em relação aos problemas de migração;
- 18) Pequenos grupos de reflexão – os pequenos grupos foram organizados com o objetivo de oportunizar a cada participante um espaço de reflexão pessoal e ao mesmo tempo grupal, não apenas sobre as temáticas trabalhadas no grande grupo como também sobre o modo como cada tema afetou a própria biografia e a prática do cuidado e do aconselhamento pastoral.

Viagem de estudos

Na semana que se seguiu ao encerramento do seminário foi realizada uma viagem de estudo por Israel durante sete dias. Foram visitadas cidades e lugares com significado simbólico, inter-religioso e/ou intercultural, tais como: Cesareia, Megido, Nazaré, o Monte das Bem-Aventuranças, Mar da Galileia, Cafarnaum, Betsaida, os Montes de Golan, Rio Jordão, a parte antiga e a parte nova de Jerusalém, Museu do Holocausto (Mea Sche'arim/Yad WaSchem), Kibbutz Gilgal e a Comunidade Neve Shalom, em Tel Aviv.

desenvolvido com esse grupo. O professor relata que começou a entender que os problemas que envolvem os conflitos Israel-Palestina têm íntima relação com os problemas não resolvidos do holocausto. Diante dessa constatação, começou a fazer um trabalho com um grupo que ele chamou de “Encontros Impossíveis”. Esse grupo reunia pessoas que tinham em sua biografia a herança do holocausto, ou seja, tanto os filhos dos perpetradores quanto os filhos das vítimas. Ao longo do trabalho de cinco anos, o grupo percebeu que tinha muito em comum: “nomeadamente os muros do silêncio, entre si e os seus pais e comunidades”. Esse foi o início para o trabalho que foi desenvolvido, mais tarde, com as crianças sobreviventes do holocausto. Para maiores informações veja o endereço citado.

Como parte da viagem de estudos, foi organizado um encontro com um bispo luterano alemão que conversou sobre os desafios do cristianismo no processo de estabelecimento de um diálogo religioso numa terra tão dividida. As reuniões de reflexão em grupo continuaram acontecendo, desta feita com a finalidade de sistematizar e elaborar as experiências vividas nos lugares visitados. A quantidade de informações obtidas nas visitas era indubitavelmente maior que a capacidade de processamento do grupo.

Um roteiro resumido da viagem pode dar uma ideia geral das experiências vividas:

- Primeiro dia: visita às ruínas de Cesareia, um porto artificial construído por Herodes. Cidade visitada pelo apóstolo Paulo de acordo com o relato bíblico de Atos 21.
- Segundo dia: Megido e Nazareth – visita às igrejas ortodoxa e católica.
- Terceiro dia: Monte das Bem-Aventuranças, com a leitura bíblica da passagem referida. Mar da Galileia, Cafarnaum, Betsaida e Colinas de Golã.
- Quarto dia: Rio Jordão, Beth Schean e visita a um Kibbutz.
- Quinto dia: Jerusalém – Monte das Oliveiras; Jardim do Getsêmani; Via Dolorosa; visita à Igreja Luterana Alemã; Igreja do Sepulcro, Muro das Lamentações, o Quarto da Última Ceia. Nos arredores do Muro das Lamentações há diariamente um treinamento militar, o que não restringe as orações de homens e mulheres, devidamente separados, diante do muro.
- Sexto dia: Mea Sche'arim / Yad Vashem – Museu do Holocausto. A origem do nome é um verso bíblico, “E a eles darei a minha casa e dentro dos meus muros *um memorial e um nome (Yad Vashem)* que não será arrancado” (Isaías 56:5).
- Sétimo dia: visita à comunidade Wahat-al Salan / Neve Shalom¹² em Tel Aviv. Neve Shalom é uma comunidade criada por judeus e árabes palestinos, cidadãos de Israel. Essa comunidade desenvolve

¹² Ver: http://sfpeace.org/index.php?_lang=en

um importante trabalho de educação para a paz, igualdade e compreensão entre os dois povos.

Encontrando a alteridade: a experiência de estranhamento e o processo de outramento

Claramente se pode constatar, pela apresentação feita até aqui, quão distante está a realidade visitada (e experimentada durante as duas semanas de programação) do cotidiano ocidental em que vive a quase totalidade dos membros do grupo. A problemática da diferença – por demais visível – causou desde encantamento pela beleza espetacular da cidade e da visão de lugares considerados os mais lindos do mundo, como o *Bahai's Garden*, como também passou pelo choque de certos hábitos religiosos culturais tais como não ter comércio em funcionamento todas as sextas-feiras a partir das 15h, incluindo o sábado, chegando até ao desconcerto pela dificuldade de compreender o povo e o país em seus conflitos e guerras que fazem parte integrante do cotidiano de suas vidas.

O encontro com diferenças tão profundas provocou ainda um profundo mal-estar vivido pela sensação de insegurança emocional e psíquica, desconforto esse acrescido também pela dificuldade de expressão. Por diversas ocasiões o desejo de cada um de se expressar como gostaria foi barrado pela limitação do uso do inglês – segunda língua para a maioria quase absoluta dos participantes.

Nesse sentido, o encontro com tanta diferença acionou de forma contundente a consciência dos limites de cada um. Pôs em xeque a capacidade de relacionalidade mesmo entre os membros do grupo. Houve momentos de tensão. De fato, a percepção das diferenças desalojam os indivíduos de seu conforto psíquico, emocional, físico, ou mesmo de um conforto simplesmente imaginário.

Naturalmente, as desestabilizações vivenciadas pelos membros do grupo foram em graus variados de intensidade, assim como igualmente distintos devem ter sido também os processos de re-territorialização do *self* (reconfiguração da subjetividade e de seus contornos) diante da desestabilização sofrida. As correspondências trocadas entre o grupo dias

depois do término da viagem, em que estes manifestavam que “ainda se sentiam intensamente afetados e tentando elaborar a experiência vivida”, confirmam a profundidade da afetação do território existencial das pessoas que viveram essa experiência.

A partir de então, exacerbou-se minha percepção a respeito do outramento como elemento *sine qua non* na práxis do cuidado. Evidencia-se que a construção teórico-prática do cuidado e aconselhamento pastoral intercultural e inter-religioso implica o exercício indissociável da escuta-acolhida-empatia (ou interpatia). Em outras palavras, trata-se de uma teorização que nasce, fundamentalmente, sobre as bases da relacionalidade, do pensar sobre o encontro com o outro, com a diferença.

“Como ser capaz de compreender o sofrimento do outro, de exercer o cuidado espiritual se não sou capaz de acolher e, sobretudo, elaborar meus próprios desassossegos e sofrimentos?” Contudo, essa habilidade de elaboração não é um dom inerente ao ser humano. Trata-se de uma “capacidade” que se constrói, que se desenvolve pelo exercício de pensar sobre Si e que se expressa durante o processo de outramento. Tal processo demanda certo posicionamento no modo de captar a diferença.

Modo(s) de “captar” a diferença

Uma leitura superficial da programação dá conta das diferenças evidentes por si mesmas: o judaísmo secular, a fé Bahai, o judaísmo ortodoxo e reformado, árabes, israelenses, judeus, judeus cristãos, árabes cristãos, muçulmanos distintos entre si, e outras diferenças, incluindo aquelas trazidas pelos membros do grupo. Reconhecer as diferenças trazidas pelos grupos locais e as diferenças dos participantes do seminário significa captar a diferença que se apresenta na *dimensão do visível*. São diferenças óbvias, detectáveis a olho nu e que não requerem maiores capacidades de percepção.

O reconhecimento da diferença visível, detectável a partir das supostas características específicas de um indivíduo ou de um grupo diz respeito a um conhecimento que tem por base a identidade, a representação. Podemos dizer que o grupo muçulmano Ahmadi tem tal ou qual representação; que o judaísmo secular pouco tem a ver com o judaísmo ortodoxo;

ou mesmo entender a surpresa de uma participante em relação ao modo inesperado com que um dos membros do grupo reage a uma dada situação por não ser aquele o modo de reação típico de alguém vindo de tal parte do planeta. Mesmo nesse último caso, em que o reconhecimento da diferença desmente uma suposta identidade, ainda assim trata-se da percepção da diferença pelo prisma da identidade e da representação (por exemplo: o modo de agir dos latino-americanos, dos alemães, dos africanos, dos americanos, etc.). Esse é *um* modo de captar a diferença.

Um outro modo seria exatamente o oposto do que apresenta o último exemplo. Pode-se captar a diferença na *dimensão do invisível*, fora das representações. Enquanto na dimensão do visível o foco da diferença está “entre cada grupo e cada indivíduo”, na dimensão do invisível a diferença tem a ver com o que “se passa *entre* os grupos e indivíduos”. Não é da ordem da tolerância, do respeito ou mesmo da boa vontade – ela simplesmente difere, desassossega. A detecção da sua presença demanda um processo de elaboração.

Não foram poucas as vezes, em especial no grupo de reflexão, mas também em conversas informais entre os participantes, que se pôde ouvir os mais diversos comentários a respeito do desconforto da diferença experimentada nos encontros. Falar sobre o desassossego da diferença não é algo de pouca monta. Admitir a sensação de desassossego nascida a partir da diferença do outro que me toca, que me afeta de algum modo e que eu tenho dificuldade de conter em mim, exige um trabalho de parto, dores das contrações que marcam a emergência do outro no corpo. É o próprio corpo que se torna outro.

Risco e potência da diferença

Se tomarmos como pressuposto que é nos encontros que a subjetividade é constituída/produzida, cada encontro comporta os riscos e a potência de um processo de diferenciação. Quanto mais intensamente se capta e se acolhe a diferença produzida na dimensão invisível do encontro (o que se passa entre um e outro, não a simples percepção da diferença de um e de outro), mais intenso é o mal-estar na subjetividade. É aqui,

portanto, que emerge o risco e a potência de um processo de diferenciação, de “perda da identidade atual”.

Pensar, ou admitir a possibilidade da “perda da identidade” – figura na qual nos reconhecemos e somos reconhecidos – nos leva a criar mecanismos de resposta a esse abalo, pois, como observa Rolnik, “isto nos coloca em estados de sensação desconhecidos que não conseguem expressar-se nas atuais figuras de nossa subjetividade, [...] e nos convoca a criar figuras que venham dar corpo e sentido para a arregimentação de diferenças” (ROLNIK, 1995) que pedem espaço de expressão em nossa subjetividade em vias de diferir.

Cada um dos participantes que de algum modo se sentiu afetado pela diferença tem noção do que significa o desassossego que a mesma produz. É uma emoção que confunde, incomoda, que provoca mal-estar. Diante dela pode-se tentar uma solução apaziguadora. Pode-se neutralizá-la pelo não enfrentamento, pela esquiva. Pode-se simplesmente admiti-la *para* rechaçá-la. Ou seja, sublinha-se a diferença para manter as distâncias e em seguida rechaçá-las. O reconhecimento da diferença seguido de seu rechaço tem a ver com uma certa limitação da subjetividade no modo como esta é capaz de lidar com a desestabilização da identidade. Isso não significa que aqueles que respondem de outro modo à diferença sejam “melhores” ou “superiores”. Essa experiência pode ser de uma intensidade tal que o rechaço pode significar, num dado tempo histórico, uma alternativa vital ao colapso subjetivo, experimentado como colapso de sentido. Pode ser, pois, um modo de resposta que visa a garantir a sobrevivência psíquica num dado momento.

Mas além da possibilidade do rechaço, pode haver também uma atitude do tipo: “dar tempo ao tempo”. Essa estratégia de “dar tempo ao tempo” é um modo de neutralizar as diferenças poupando-nos do sofrimento que o enfrentamento exige, em favor da manutenção dos contornos identitários conhecidos. Corre-se o risco da diferença que não faz diferença. Em outras palavras, pode-se cair na atitude de indiferença diante da diferença

Contudo, segundo observa Suely Rolnik (1995), é exatamente isto que nos faz adoecer: “calar a diferença, calcificar o existente, impotencializar a vida, travar a processualidade do ser, breçar a história”.

É nesse momento que o cuidado pastoral intercultural é demandado. Mas exige-se sensibilidade na percepção dessa demanda.

Ainda durante a realização do seminário, e mesmo durante a viagem de estudos, tentou-se exercer esse cuidado pela via dos grupos de reflexão e mesmo das conversas informais entre os participantes. Entretanto, trata-se também de tempo, pois há momentos em que a intensidade da experiência vivida não consegue ser traduzida em palavras, sobretudo em outra língua. Há ainda o ritmo de cada um(a) nos processos de elaboração interna. E há, por fim, a condição necessária a esse processo: uma relação de confiança entre as partes.

Ao refletir sobre os seminários da SIPCC realizados em 1995 e 1996, Federschmidt (2004, p. 38) observa que, quando se considera o aspecto intercultural na prática do cuidado e aconselhamento pastoral, “as coisas se tornam um pouco mais complicadas do que o esperado”. Ao descrever as complicações adicionais que precisam ser levadas em conta, tais como o contexto social, político, espiritual (e mesmo outras não mencionadas), ele pontua que temos de admitir que há mais coisas que não entendemos do que coisas que entendemos – porém, (e isto deve ser sublinhado) assim afirma ele: “eu simplesmente trago junto com as coisas que entendo bem, aquelas que não entendo bem, e tento lidar com ambas da maneira mais sensata possível (ambas como um ser humano e como alguém engajado no cuidado pastoral)” (FEDERSCHMIDT, 2004, p. 38).

Parafraseando Federschmidt, eu diria que *entre* as coisas que entendo bem e aquelas que não entendo tão bem há o espaço da desestabilização trazida pela diferença. Essa diferença que me encontra (ser humano como qualquer outro, engajado – ou não – na prática do cuidado pastoral) me desconcerta e solicita uma resposta que ultrapasse a desestabilização experimentada. É exatamente aí que se encontra, a meu ver, a potência da diferença para ser vivida como processo de outramento, de diferenciação de si.

Diante disso, a pergunta que emerge é a seguinte: Que relação é possível estabelecer entre essa experiência e a prática do cuidado e do aconselhamento pastoral intercultural e inter-religioso?

A partir de uma elaboração pessoal da experiência vivida nesse seminário, arrisco dizer que um (entre vários outros) dos maiores desafios da prática do cuidado e do aconselhamento pastoral intercultural e inter-religioso tem a ver com o entendimento que construímos acerca do mal-estar e da desestabilização diante dos processos de diferenciação (os nossos e os dos outros). Isso não é pouca coisa: tem íntima relação com a noção de identidade que assumimos; com o reconhecimento de uma subjetividade sempre em processo; com novas formas de entender o que temos tomado até então como da ordem do absoluto; com a capacidade de criação do novo em meio ao desequilíbrio. Aliás, o desequilíbrio deixa de ser compreendido como ameaça ou possibilidade de loucura.

Uma nova compreensão do mal-estar e dos processos de diferenciação subjetiva passa, ainda, por um trabalho na própria subjetividade. Demanda que lancemos mão de nossos recursos internos para um trabalho em profundidade: escavar a nossa própria subjetividade para fazer aparecer aí não apenas a nossa identidade – o que acreditamos ser –, mas para entrarmos em contato com a nossa potência de diferenciação, nosso “verdadeiro *self*”, nas palavras de Winnicott. Trata-se de descobrir aí “o que nos separa de nós mesmos, e o que devemos transpor e atravessar para nos pensarmos a nós mesmos” (DELEUZE, 1998, p. 119).

Por que isso é um desafio dos mais importantes? É que a prática do cuidado e aconselhamento pastoral intercultural e inter-religioso fundamentada na responsabilidade ética tem pouco a ver com aprendizagens e identificações teóricas. Mais que isso, exige-se daquele(a) que pratica o cuidado a capacidade de suportar o estranhamento que a diferença traz (em si e no outro). Trata-se, pois, de uma atitude que favorece os processos de cura – pela via da transformação e criação – em oposição à preservação de modos de vida que restringem a própria vida em seus movimentos de permanente criação.

Ao falar sobre a vida como obra de arte em referência aos trabalhos de Michel Foucault, Deleuze observa que “a história, segundo Foucault, nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos” (DELEUZE, 1998, p. 119).

A capacitação de aconselhadores(as) e a prática do aconselhamento espiritual no contexto brasileiro

Inexiste no Brasil instituição semelhante à SIPCC. Algumas tentativas para criação de uma associação brasileira de conselheiros pastorais têm sido realizadas, mas nenhuma chegou a se estabelecer como referência.¹³ Há ausência de pesquisa acadêmica que aponte as razões para essa peculiaridade. Em termos acadêmicos, trata-se de uma área que carece de organização. Isso não significa, em contrapartida, que inexista a prática de aconselhamento pastoral no Brasil. Pelo contrário, o aconselhamento pastoral é uma das ferramentas mais utilizadas no ministério pastoral das mais diferentes denominações religiosas no Brasil. Nesse sentido, é possível apontar, apenas com base em percepção empírica, sem dados de uma pesquisa formal, o estabelecimento de uma “cultura brasileira de aconselhamento pastoral”, por assim dizer. Tal cultura fundamenta-se na prática de um aconselhamento pastoral ministrado aos membros da

¹³ Tem-se conhecimento de pelo menos três associações brasileiras: 1) Associação Brasileira de Aconselhamento Cristão Evangélico (ABRACE), com sede em Belo Horizonte, MG, sem data conhecida de criação. Presume-se que tenha sido anterior ao ano de 2000. No histórico do site não há informação sobre a data de fundação da mesma. Não há dados que confirmem suas atividades atuais, indicando, talvez, que esteja inativa. Ver: <http://www.abrace.net/historico.html>; 2) Associação Brasileira de Aconselhamento (ABAC), criada em 17 de agosto de 1997, em São Leopoldo, RS. Sem atividades atuais. Informações sobre estatuto de criação, motivos, objetivos e perspectivas em: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACONSELHAMENTO (Ed.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. IEPG/Sinodal: São Leopoldo, 1998. p. 79-92; 3) Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos (ABCB), com sede em São Paulo, criada em 14 de dezembro de 2000. Ver: http://www.abcb.org.br/files/_sobre/sobreEstatuto.html#nota. O Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) não se encaixa, a meu ver, no perfil de associação de conselheiros pastorais. Trata-se de uma organização que reúne como membros: 1) profissionais de psicologia e psiquiatria, legalmente inscritos em seus conselhos de classe; 2) estudantes das áreas de psicologia e psiquiatria; 3) colaboradores – “profissionais que, embora não inscritos nos Conselhos de Psicologia ou Medicina, tenham boa formação e atuação idônea e ética no campo da saúde mental, e sejam aprovados pela Diretoria Nacional”. Seus objetivos são: “Promover o estudo da relação da fé cristã com a psicologia e a psiquiatria; Estimular a fé e a ética cristã nas atividades profissionais ligadas à psicologia, psiquiatria e áreas afins; Congregar profissionais de psicologia, psiquiatria e estudantes destas ciências e profissionais de áreas afins; Produzir conhecimento e difundir material que contribua para a consecução dos objetivos da associação; Intermediar a relação entre profissionais das áreas de ajuda e a comunidade em geral, encaminhando esta àquela; Estimular a contínua capacitação de profissionais de psicologia, psiquiatria e áreas afins”. Para mais detalhes, consultar o estatuto em: http://www.cppc.org.br/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=6&Itemid=29.

própria comunidade, ou seja, com fundamento teórico doutrinário-denominacional. Mesmo em caso de aconselhamento a pessoas de outros credos e vivências religiosas, o fundamento da prática continua sendo o doutrinário-denominacional. Formas de aconselhamento em perspectiva inter-religiosa são pontuais. Essa percepção é confirmada também pela observação de Farris que assim afirma a respeito da prática de aconselhamento inter-religioso no Brasil:

estritamente falando, existe muito pouca oferta de cuidado inter-religioso em comunidades religiosas, universidades, hospitais, e no dia-a-dia dos sacerdotes, pastores, e fiéis. Isto não significa que não exista cuidado inter-religioso, mas sim que isto é bastante raro [...] Existem exceções, mas a oferta de cuidado a membros de outras tradições religiosas não é comum (FARRIS, 2009, p. 177-178).

É possível que o modelo americano ou mesmo o europeu de sociedade/associação de aconselhadores pastorais não seja adequado à “cultura brasileira de aconselhamento pastoral”. É uma questão de pesquisa que merece atenção. Contudo, a ausência de um fórum para debater questões que envolvam aspectos teóricos e práticos do aconselhamento pastoral no Brasil aponta uma lacuna importante no fazer teológico acadêmico que clama por uma resposta adequada.

Dado o contexto cultural religioso brasileiro, a busca por aconselhamento espiritual (bem como a busca por uma comunidade religiosa e/ou práticas religiosas) constitui-se como *estratégia de coping*¹⁴ amplamente utilizada pela maioria da população. Há, portanto, urgência de oferta de uma prática de cuidado que ultrapasse as barreiras da própria tradição religiosa do(a) aconselhador(a), que tenha como horizonte utópico a

¹⁴ “Estratégia de coping” diz respeito às formas escolhidas pelo sujeito para lidar com o estresse e sofrimento, aliviando-o. Tais estratégias podem ser de caráter variado, por exemplo, medicamentosa-farmacológica, ou mesmo psicoterápicas e religiosas. Pesquisas americanas indicam que as estratégias de *coping* religioso são amplamente utilizadas pela população em geral. A pesquisa sobre *coping* religioso com pacientes renais crônicos em Curitiba, por mim conduzida no ano de 2010, apontou que 73% dos pacientes fazem uso do *coping* religioso como forma de aliviar o estresse e a angústia trazidos pela doença. Contudo, os profissionais da saúde raramente, ou nunca, conversam com seus pacientes sobre essa questão. Sabe-se, entretanto, que questões de fé podem influenciar cuidados médicos. O aconselhamento pastoral hospitalar é uma das áreas que precisa de atenção no Brasil.

afirmação de relações interpessoais que promovam mais comunhão, maior abertura à alteridade, maior saúde física/emocional/espiritual, e que favoreça, dessa forma, processos de *outramentos* afirmativos da vida tanto para aqueles(as) a quem se oferece o cuidado quanto para aqueles(as) que se colocam nesse lugar de cuidadores e aconselhadores pastorais.

A tentativa de criação de uma instância tal como uma associação de cuidadores pastorais semelhante às europeias ou americanas parece, pois, não se adequar à cultura brasileira que se tem estabelecido nessa área. Além do mais, associar-se a alguma instituição implica assumir a identidade por ela construída. Se a prática do aconselhamento pastoral no Brasil ainda tem fundamentos teológicos doutrinário-denominacionais (ou simplesmente “bíblico”, como querem alguns), como ultrapassar esse *modus operandi* a fim de se pensar práticas de cuidado espiritual para além das verdades específicas defendidas por cada grupo religioso e que possa favorecer uma “cura de almas” que de fato se constitua não apenas em alívio de sofrimento, mas também em libertação e maior potencialização da vida? Como o cuidador(a) pode outrar-se (e desenvolver a capacidade de *outramento*) quando, ao se deparar com a diferença do outro, barrar o processo por meio de uma prática de cuidado que visa a tornar o outro um igual a si próprio?

Penso que uma saída possível seria a criação e dinamização de um fórum nacional em que cuidadores e aconselhadores pudessem discutir questões tais como essas, e outras pertinentes ao tema. Um fórum agregaria pessoas de diversos credos e não implicaria a assunção de tal ou qual identidade religiosa. Seria, a meu ver, uma instância mais democrática e aberta à reflexão dos mais diversos temas específicos desse campo. Um fórum poderia contribuir também com a produção e divulgação de materiais de apoio a cuidadores pastorais.

Outra possibilidade seria pelo viés dos “grupos de trabalho” (GTs) dos vários programas de pós-graduação em teologia e em ciências da religião. Os GTs poderiam contribuir com o debate e com o fomento de atividades, eventos, produção conjunta (e divulgação) de pesquisas e artigos científicos nessa área.

Conclusão: o desafio de prosseguir refletindo

Retomo, agora, a frase-tema do seminário que inspirou a presente reflexão: “Diferenças como oportunidade”. Sem dúvida, trata-se de uma frase chamativa, mas que pede complemento. Diferenças como oportunidade *de quê? Para quê? Para quem?* O complemento depende do que cada um(a) consegue suportar e do quanto está disposto(a) a enfrentar.

A reflexão aqui desenvolvida teve por base uma experiência em que os participantes se viram todo o tempo frente a frente com profundas diferenças, concretas, palpáveis. No cotidiano de nossa existencialidade, entretanto, podemos não nos deparar com diferenças tão intensas, mas nem por isso menos desestabilizadoras da subjetividade e ao mesmo tempo potencializadoras de processos de *outramento*. Exercitar nosso olhar para a dimensão do invisível e favorecer a escuta das diferenças que se anunciam a cada instante é um desafio ético que temos diante de nós, independentemente de nossa ocupação profissional, quer nos identifiquemos ou não como “cuidadores”, “aconselhadores”, “ministros”, “sacerdotes”, “pastores(as)”, professores(as), terapeutas, pois essa forma de olhar e mesmo de desejar *outrar-se* tem a ver, sobretudo, com o cuidado da vida, com o cuidado do outro e com o cuidado e criação de nós mesmos.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSELHEIROS BÍBLICOS – ABCBC. **Corpo de psicólogos e psiquiatras cristãos**: estatuto social. Disponível em: <http://www.cppc.org.br/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=6&Itemid=29>. Acesso em: 21 jan. 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACONSELHAMENTO CRISTÃO EVANGÉLICO – ABRACE. Disponível em: <<http://www.abrace.net/historico.html>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACONSELHAMENTO. **Fundamentos Teológicos do aconselhamento**. São Leopoldo: IEPPG/Sinodal, 1998.

DELEUZE, G. **Conversações. 1972-1990**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.

FARRIS, J. Interfaith spiritual care: a view from Brazil. In: SCHIPANI, D. S.; BUECKERT, L. D. **Interfaith Spiritual Care. Understandings and Practices**. Ontario; Germany: Pandora Press; SIPCC, 2009. p. 171-189.

FEDERSCHMIDT, K. H. Intercultural pastoral care and counselling. reflections on the background of the intercultural seminars in 1995, 1996. p. 37-46. In: SOCIETY FOR INTERCULTURAL PASTORAL CARE AND COUNSELLING – SIPCC. **Workbook on Intercultural Pastoral Care and Counselling**. 2004. Disponível em: <<http://www.ekir.de/sipcc/workbook-final1.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2009.

PESSOA, F. **Novas poesias inéditas**. 4. ed. Lisboa: Ática, 1993.

ROLNIK, S. **O mal-estar na diferença**. 1995. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Malestardiferenca.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2009.

Recebido: 24/12/2010

Received: 12/24/2010

Aprovado: 20/01/2011

Approved: 01/20/2011